

# O desejo de ser pai: entre lutos e a transmissão de um legado<sup>1</sup>

*The desire to be a father: between mournings and the transmission of a legacy*

Bernardo Arbex\*

**Resumo:** Partindo das considerações freudianas a respeito da transitoriedade, pretendemos neste artigo abordar o desejo de ser pai como consentimento com a efemeridade dos objetos. Destacaremos que a assunção da paternidade envolveria uma gestação psíquica no homem que implica um processo de transformação do investimento narcísico do pai para o investimento objetual no filho. Tal processo consistiria na elaboração de sucessivos lutos para que ocorra a transmissão de um legado. Por último, refletiremos sobre o desejo de ser pai na contemporaneidade pela via da sublimação, a exemplo de célebres homens que, apesar de não terem tido filhos, desenvolveram sua paternidade na cultura por meio de suas obras artísticas.

**Palavras-chave:** Transitoriedade. Paternidade. Legado.

**Abstract:** *Based on Freudian considerations regarding transience, in this article we intend to address the desire to be a father as consent to the ephemerality of objects. We will emphasize that the assumption of paternity would involve a psychic gestation in the man that implies a process of transformation of the narcissistic investment of the father into the object investment in the child. This process would consist of the elaboration of successive mournings so that the transmission of a legacy might occur. Finally, we will reflect on the desire to be a father in contemporary times through sublimation, following the example of famous men who, in spite of not having their own children, developed their paternity in culture through their artistic works.*

**Keywords:** *Transience. Paternity. Legacy.*

---

1. Este texto foi originalmente concebido para a *Mesa de debate: o desejo de ser pai* do Grupo de pesquisa: *os primórdios da vida psíquica – clínica dos primeiros anos*, ocorrida em 12 de abril de 2024 no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

\* Psicanalista, membro associado do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Psicólogo formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduado em Comunicação Social - Cinema pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Na escolha do verso “apenas a matéria vida era tão fina” que inspirou o tema *Traumatismo da ordem vital e princípio da realidade* do ano de 2024 em nossa Instituição, o Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, encontramos uma referência à música *Cajuína*, de Caetano Veloso.

O compositor dedicou a canção ao pai de Torquato Neto. Ela foi concebida precisamente algum tempo após a morte do artista, quando Caetano foi visitar o pai de Torquato, esperando talvez encontrar um pai ainda enlutado pelo suicídio de um filho. Ocorre que Caetano foi quem não se conteve e ficou muito sensibilizado, chorando a morte do amigo de maneira desolada. Durante toda a visita à casa de infância de Torquato, Caetano recebeu o consolo do pai que perdera o filho. Não bastasse o afago, o pai de Torquato ofereceu ao músico a bebida típica de Teresina, *Cajuína*, e uma rosa pequenina colhida do jardim. Diante da morte trágica do filho, o pai transmitira seu legado: “apenas a matéria vida era tão fina”.

Com esta pequena introdução, pretendemos considerar, ao longo deste trabalho, o desejo de ser pai como um desejo de transmissão de um legado para o filho, desde os primórdios de sua vida psíquica.

Trataremos da transmissão de um legado que suporia a aceitação da finitude, o processo de luto diante das feridas narcísicas e a transformação do narcisismo do eu em investimento libidinal em uma alteridade, como o bebê. Assim, o desejo de ser pai implicaria a possibilidade de se satisfazer a partir do êxito de um outro ser, indicando-lhe as coordenadas simbólicas no mundo humano e fazendo valer o aspecto de efemeridade dos objetos no destino do filho.

O bonito episódio de *Cajuína*, que inspirou uma criação *sui generis* do compositor, nos remeteu ao texto *A transitoriedade* (FREUD, 1916/2010), em que Freud narra uma conversa que teria tido com um poeta e um amigo. Os três saíram para uma caminhada por um jardim em que dialogavam sobre a beleza da natureza. Tanto o poeta como o amigo expressavam sofrimento pelo fato de que a beleza era matéria efêmera, transitória, e, estando eles diante da morte, como poderiam apreciar o valor daquilo que rapidamente se esvaneceria? Em outras palavras, de que adiantaria amar as coisas belas que se extinguiriam com tanta rapidez e facilidade?

Em discordância com os dois, Freud argumentava que o valor da beleza e perfeição dos objetos seria determinado pelo significado que eles adquiriram em nossa vida emocional. Então tais objetos não precisariam sobreviver à nossa vida e não dependeriam da sua duração absoluta. Sobre a postura reativa dos dois amigos de caminhada, o psicanalista pôde encontrar alguma

explicação em sua metapsicologia do luto. Citamos aqui um trecho de sua reflexão:

Se existir uma flor que floresça apenas uma noite, ela não nos parecerá menos formosa por isso [...] essas considerações me pareceram incontestáveis, mas notei que não produziam impressão no poeta e no amigo. O fracasso me levou a concluir que um poderoso fator emocional estava em ação, perturbando o julgamento deles, e depois acreditei que eu tinha encontrado. Deve ter sido uma revolta psíquica contra o luto, o que depreciava para eles a fruição do belo. Imaginar que essa beleza é transitória deu àqueles seres sensíveis um gosto antecipado do luto por sua ruína, e como a psique recua diante de tudo que é doloroso, eles sentiram o seu gozo da beleza prejudicado pelo pensamento de sua transitoriedade (FREUD, 1916/2010, p. 249-250).

Desse modo, encontramos nesse pequeno e poético texto freudiano um elemento importante que poderia se articular à dificuldade de transformação do luto em legado. Trata-se da recusa à transitoriedade das coisas, um protesto frente à finitude que, em última instância, atrapalharia a fruição diante da beleza de cada nova vida que é gerada no mundo, como na atitude do poeta e do amigo em relação à impermanência na natureza.

Por outra via, parece-nos que a atitude do pai de Torquato, ao apontar para a singela e frágil existência de uma rosa quando do luto do filho, acha-se de acordo com a hipótese freudiana sobre a possibilidade de apreciação do belo, sobretudo ao se levar em conta sua transitoriedade.

### **“QUANDO MEU FILHO NASCEU, FIZ AS PAZES COM A MORTALIDADE”**

Assim nos confidenciou um analisante, que chamaremos de Fulano, sobre a mudança psíquica pela qual passou ao se tornar pai.

Desde pequeno, Fulano nutria um desejo de ser pai que esboçava ao brincar das mais variadas formas com um boneco de pano, batizado com o nome que teria sido dado ao irmão mais velho, caso a mãe não tivesse perdido aquela gestação. Antônio, seu boneco, se prestava a acompanhá-lo nas mais diversas aventuras. Fulano ficava muitas horas sozinho em seu quarto cuidando do boneco, ao modo conhecido com que as meninas simulam a maternidade, mi-

metizando o atendimento de necessidades tão básicas de um bebê, como dar de comer, vestir etc. Mas também a Antônio, Fulano dirigia uma porção de impulsos agressivos: batia no pobre coitado, rasgava suas roupas e, muitas vezes, estando de mal com ele, deixava-o abandonado no limbo.

Apesar de carinhosa e presente, a mãe de Fulano desenvolveu uma depressão que, ao nosso juízo, parece se relacionar à perda dessa primeira gestação. Como teria sido o irmão Antônio? Que impactos seu nascimento poderia ter promovido na dinâmica psíquica da família?

Com o pai, Fulano aprendeu muito sobre música e hoje se emociona ao lembrar como a canção *Espelho*, de João Nogueira e Paulo César Pinheiro, o remete à relação entre eles.

Chamou-nos a atenção o fato de como outro analisante – aqui o apelidamos de Sicrano – que acabara de ser pai, também relembra seu progenitor a partir da mesma música, *Espelho*. Sobre o primeiro olhar que dirigiu à filha recém-nascida, nos disse: “Olhei para ela e vi o meu pai”. Mais adiante em nossa exposição, retomaremos essa segunda vinheta clínica por entender que ela nos fornece um proveitoso material para pensarmos no investimento que, em seu desejo de paternar, Sicrano lança sobre a filha.

Por ora, gostaríamos de destacar os versos finais da canção *Espelho* que nos transmitem o legado paterno quando do processo de luto, uma transformação do filho em um possível pai:

Assim sem perceber eu era adulto já  
 Ê, vida voa  
 Vai no tempo, vai  
 Ai, mas que saudade  
 Mas eu sei que lá no céu o velho tem vaidade  
 E orgulho de seu filho ser igual seu pai  
 Pois me beijaram a boca e me tornei poeta  
 Mas tão habituado com o adverso  
 Eu temo se um dia me machuca o verso  
 E o meu medo maior é o espelho se quebrar  
 (NOGUEIRA e PINHEIRO, 1977)

Da clínica para a música, novamente nos deparamos com uma produção artística prenhe de ressonâncias com nosso tema sobre o desejo de ser pai, em meio a lutos e legados.

Na canção *Espelho*, encontramos uma verdadeira declaração de amor – e outros tantos afetos – de um filho ao pai, sob forma de admiração, de desejo de

ser como o pai, de orgulho que, porventura, um filho possa dar ao seu gerador etc. No entanto, ressoa-nos aos ouvidos o verso final repetido incessantemente na música: “E o meu medo maior é o espelho se quebrar”.

Diríamos que esse verso de alto valor confessional expressa ambivalência afetiva, pois ele se refere à ligação do filho ao pai. Uma possível quebra do espelho também nos alude a uma relação bastante sublinhada por autores como Lacan (2005, p. 14), entre angústia e desejo: angústia de fragmentação, de decomposição da imagem de si, medo de não ser igual ao pai, mas proibição de sê-lo – tal como na interdição edípica que a existência do pai impõe ao filho. Todavia, reconhecemos igualmente no verso um desejo de se fazer jus à transmissão do legado paterno, desejo de se espelhar no pai.

## DO NARCISISMO DO EU AO DESEJO DE PATERNAR UM OUTRO

A partir da literatura psicanalítica, conhecemos o papel de espelho desempenhado pela mãe, seja por meio do reflexo em seu olhar para o bebê, em Winnicott (1967/1975, p. 153-162), seja pelo júbilo do *infans* – a criança que ainda não fala – ao se reconhecer em sua imagem sustentada pela palavra da mãe – “aí está você” – no estádio do espelho, em Lacan (1949/1998, p. 96-103). Mas, ao escutarmos esses dois relatos de Fulano e Sicrano, como poderíamos avaliar o papel de espelho desempenhado ali pelo pai?

Em *Introdução ao narcisismo*, Freud (1914/2010) elabora o que estaria em jogo para os pais, em seu conjunto, na concepção de um filho, a partir do encantamento que o bebê suscita em seus progenitores. Diz o autor:

Quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo há muito abandonado. [...] os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições e a ocultar e esquecer todos os defeitos [...] sua majestade, o bebê. [...] o amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora (FREUD, 1914/2010, p. 36-37).

A partir desse recorte da rica e complexa teorização freudiana sobre o narcisismo dos pais, podemos reconhecer que, de partida, o desejo de ser pai tem sua origem em uma reparação, no anseio de que seu filho realize o que ele

próprio não pôde, que esteja livre das restrições e limitações que o mundo lhe impôs. Assim consideramos que no projeto de paternidade haja um primeiro movimento que podemos nomear como *projeção narcísica*, que poderíamos traduzir em uma frase como: “ele será o que eu não fui”.

Observamos que a assunção da paternidade implica processos sucessivos de luto: luto frente à imperfeição narcísica de não ter sido perenemente a sua majestade, o bebê; luto pela desfalicização de si, no homem, para que ele consinta com um novo investimento, um desejo pelo novo ser, um amor objetual pelo bebê porvir.

Mais à frente, consideraremos também o luto diante da castração edípica que impede um filho de esposar sua mãe, de tomar posse do seu primeiro objeto de amor.

Retornando à clínica, ao assistir o processo gestacional na família de Sicrano, pudemos constatar que uma sucessão de lutos – incluindo o do falecido pai de Sicrano – voltou à cena analítica de maneiras completamente diferentes do que já havíamos trabalhado até então. A gravidez de sua mulher parece ter lhe provocado uma regressão à infância.

Silvia Zornig (2010, p. 460) aponta que, ao acompanhar a gravidez da mulher, muitos homens, futuros pais, podem apresentar afecções psicossomáticas que sugeririam uma identificação com a gestação feminina. A presença desses fenômenos de corpo, tais como náuseas, tonturas e cólicas, nos levam à reflexão de que também o homem carrega, em seu corpo libidinal, o desejo de ser mãe.

Tais considerações podem nos ser igualmente fornecidas pelo artigo *Paternidade: o homem e suas angústias*, de Luiz Carlos Marinho (2009), em que o autor descreve as vicissitudes edípicas que ensejam também no menino, futuro homem, o desejo de ser mãe de um filho de seu pai tal como ocorreria nas meninas (MARINHO, 2009, p. 7).

Este apontamento, além de ratificar as hipóteses freudianas sobre a bissexualidade constitucional de cada sujeito, também nos indica que haveria uma transformação do desejo de ser mãe para o desejo de ser pai, sendo o primeiro a base necessária para que esse segundo desejo floresça. Se ser pai é também encarar o desejo de ser mãe com suas implicações gestacionais, poderíamos nos perguntar: em que lugar no homem encontraríamos o ventre que gesta a paternidade?

Frequentemente Sicrano se refere aos primeiros meses de vida de sua filha como um processo de “*exterogestação*”, termo que, oriundo da antropologia, sugere uma gravidez fora do útero nos três primeiros meses após o nascimento

do bebê. Mas o uso que o analisante faz dessa expressão também nos leva a pensar em seu papel como pai para a formação do psiquismo de sua filha durante esse período inicial.

Sicrano se oferece aos cuidados básicos que não envolvem a amamentação, como o banho, a troca de fraldas, a oferta de um colo diferente que nem sempre é bem recebido pela bebê. Ao lidar com possíveis rejeições nesse processo, ele comenta: “primeiro ela vai falar mama, depois papa”.

Além do reconhecimento da diferença entre os genitores – mamãe e papai – nos futuros balbucios da filha, essa expectativa de Sicrano nos remete também à alimentação, *mamá* e *papá*: a bebê se nutre do leite do seio da mãe, depois se nutrirá de *papá*, simbolicamente concebido aqui como outros possíveis alimentos que surgirão na interação com o pai. Com que alimento um pai nutre uma filha?

Enquanto aguarda o reconhecimento de ser pai por parte de sua filha, Sicrano promove em si uma espécie de exterogestação, que podemos entender como uma forma de dar corpo à sua função e desejo de se tornar pai, uma espécie de *preocupação paterna primária*. Este processo na paternidade redundaria, tal como ocorre na maternidade, em uma regressão à própria experiência de Sicrano como *infans*, regressão esta promotora de identificação com a recém-nascida.

Também muito ligado à música, ele entoa cantigas que provocam efeitos curiosos no ainda incipiente aparelho fonador da filha, como se ela espelhasse sonoramente o que ouve do pai. Ele se regozija com as vocalizações da bebê: “parece que ela quer cantarolar como eu”.

Encontramos em *Diário de um bebê*, de Daniel Stern (1991), uma descrição imaginativa das vivências do pequeno Joey no berço. Com apenas seis semanas de vida, ele assiste ao raio de sol que chega a seu quarto todas as manhãs sempre na mesma quina da parede (STERN, 1991, p. 25). Stern se propõe a observar a forma como o psiquismo de Joey recebe os estímulos que lhe chegam do ambiente, quais sensações e respostas provocam no bebê. Notamos uma profunda sintonia afetiva que o autor tenta estabelecer com Joey, emprestando-lhe os recursos psíquicos de que dispõe para imaginar o que lhe ocorre.

Dessa maneira, reconhecemos também em Sicrano um intenso investimento afetivo que revela seu desejo de paternar, valendo-se de seus nutrientes culturais para estabelecer uma sintonia afetiva com a filha recém-nascida.

## E COMO PODERÍAMOS DIFERENCIAR O DESEJO DE SER PAI DO DESEJO DE SER MÃE?

Pretendemos ressaltar ao longo deste artigo que o desejo de ser pai implicaria a geração de uma nova vida que o homem gesta em seu próprio psiquismo.

Ao retornarmos ao narcisismo em Freud, destacamos um primeiro movimento nomeado como projeção narcísica que desloca o investimento fálico do homem em direção ao filho.

Adiante assinalaremos que o desejo de ser pai envolve igualmente a abertura de um espaço profícuo para a singularidade da criança, um lugar para novas criações, longe do seio materno.

Na nossa natureza de mamíferos, um pai é sempre uma suposição: quem é o pai? Hoje, pelos adventos biotecnológicos, somos capazes de afirmar com bastante convicção qual corpo masculino produziu o material genético do novo ser. No entanto, isto não se faz sem mediação simbólica.

Ao abordar a presença do pai na dinâmica edípica, Lacan (1999, p. 208) se refere ao pai como portador de um outro discurso, como alguém que surge para retificar o que a criança pôde apreender do desejo materno em sua demanda de cuidado, no atendimento de suas necessidades básicas. Em sua dimensão simbólica, o pai anuncia que existe um mundo além daquela relação dual na qual uma criança poderia se alienar como sendo o objeto exclusivo do desejo materno, o falo da mãe, como se o filho dissesse: “sou tudo o que minha mãe quer”.

A fala do pai vem fazer furo, vem interditar essa relação entre a mãe e o filho, colocando a criança em latência a respeito de sua realização sexual até a escolha de novos objetos sexuais na puberdade. Contudo, esse mesmo “não do pai” a liberta, ao encaminhá-la para formas sublimatórias de realização, por exemplo, em direção a um desejo de saber.

Parece ser isso que Freud aponta quando diz que a pulsão epistemofílica, hipertrofiada quando do naufrágio edípico, derivaria justamente das pulsões sexuais infantis interditas no seio da família (FREUD, 1905/2016). A criança passa a indagar não mais um futuro em que seria “a mulher do pai” ou “iria se casar com a mãe”, mas se coloca em constante busca de satisfações substitutivas que produzem encantamentos outros, como na paixão pelos professores da escola, no exercício da criatividade na interação com os colegas e na produção de materiais culturais, tais como desenhos, jogos, esportes etc.

## O QUE UM PAI DESEJA TRANSMITIR AO FILHO AO ORIENTÁ-LO EM DIREÇÃO AO MUNDO?

Assim podemos considerar que, em psicanálise, o pai desempenha um duplo papel que consistiria em interditar o gozo da criança na relação com a mãe ao se apresentar como alteridade, ao mesmo tempo que promove uma apresentação de outros objetos mundanos para que o desejo do *infans* sofra uma metonimização (LACAN, 1999, p. 210), um constante deslocamento em direção a outros lugares para além da família que o gerou.

Também podemos encontrar essas atribuições nas reflexões winnicottianas acerca da função paterna. Isto nos leva a cogitar que o espaço potencial em sua capacidade de transicionalidade, de consentimento com a transitoriedade dos objetos de apreço, como o boneco Antônio de Fulano, também teria a ver com as bem-vindas ausências maternas em direção a um outro diferente da criança, ou seja, o pai em sua dimensão cultural e simbólica<sup>2</sup>. Porque a mãe tem seu tempo distante, aos poucos, a criança passa a ser dotada de um espaço próprio, fértil para suas criações.

Por essa perspectiva, o não do pai no Édipo seria o sim para o filho em sua constante construção alhures, seja na constituição de uma nova família, seja no aprimoramento do tecido simbólico na cultura por meio das artes, da ciência ou de qualquer criação que inclua o já sabido, mas que também subverta em parte a mera reprodução do mesmo.

## PARA REFLETIR ALÉM DO ESPELHO: UM POSSÍVEL DESTINO PARA O DESEJO DE SER PAI NA ATUALIDADE

A doença foi bem a razão  
De todo o impulso de criar;  
Criando eu pude me curar,  
Criando eu me tornei são.  
(HEINE *apud* FREUD, 1914/2010, p. 29)

Diante de tanta negação da vida ora na pandemia, ora nas guerras, o homem contemporâneo se vê confrontado com uma formação reativa, uma ponderação

2. Para maiores esclarecimentos a respeito da função paterna em Winnicott, ver: GONCALVES-DOS-SANTOS, G *et al.* O pai e a função paterna na teoria winnicottiana. In: *Arq. bras. psicol.* [online]. 2021, v. 73, n. 3, p. 112-128. Disponível em: <<https://doi.org/10.36482/1809-5267.arbp2021v73i3p.112-128>>. Acesso em: 10. fev. 2025.

que o coloca em dúvida em relação a seu desejo de ser pai. Sabemos que, assim como a maternidade na mulher, a paternidade no homem seria culturalmente esperada. Mas haveria alguma transmissão filogenética do desejo de ser pai?

Ao retornarmos a Freud, nos deparamos com um vasto material de teorização sobre a maternidade e sua relação com a sexualidade feminina, material este que nos faz pensar nas continuidades e descontinuidades entre o ser da mulher e o ser mãe (FREUD, 1931/2010). Evidentemente que, com o avanço das teorias de gênero por um lado e, por outro, com as diversas variáveis contemporâneas que contribuem para a produção de novas subjetividades, desenvolvemos um questionamento sobre as ideias freudianas quanto ao destino da sexualidade feminina e ao desejo de ser mãe.

Vale ressaltar, no entanto, que a distinção entre sexualidade e reprodução encontra-se muito bem trabalhada desde os primórdios da psicanálise. Contudo, é notória a falta de elaborações acerca da relação entre a sexualidade masculina e a paternidade. De modo que, observando o cenário atual, indagamos: Que homem quer ser pai nos dias de hoje? Em que a paternidade se conjuga com o ser do homem em nossos tempos? Ou ainda, quais seriam os efeitos sobre a paternidade a partir das mudanças culturais na contemporaneidade?

Na análise que Lacan faz de James Joyce, observa a sua carência paterna e elucubra: Joyce pôde prescindir do nome-do-pai para dele fazer uso, pôde enodar seus três registros – real, simbólico e imaginário – a partir de um quarto nó, a sua singular e neológica escrita, seu *sinthome* (LACAN, 2007, p. 132).

Desse modo, ao refletirmos sobre a transmissibilidade na cultura, encontramos homens de prestígio que, por razões diversas, não tiveram filhos: Kafka, Machado de Assis, Proust, entre outros. Diz-se do primeiro que a conturbada relação com o pai, immortalizada em letra pelo livro *Carta ao pai*, indicaria que o desejo de ser pai não foi desenvolvido no autor de modo concreto ou biológico. Sobre o segundo, recortamos a famosa passagem ao final do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: “não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”. Por outra via, no seu célebre *Em busca do tempo perdido*, Proust expressou a vontade de que a obra adquirisse o valor de um legado a ser transmitido pelas gerações que o sucederiam.

Por fim, voltando-nos aos escritores aparentemente estéreis nos perguntamos afinal: não poderíamos inferir que, de alguma maneira, esses três importantes expoentes nos “paternaram” com seu saber, transmitindo-nos o valor da transitoriedade de suas próprias vidas com suas ricas e permanentes contribuições à nossa cultura?

Nem todos podemos ser pais, mas, se todos somos filhos, todos temos a experiência da descendência e, portanto, somos dotados da capacidade de transmiti-la.

**Bernardo Arbex**

bernardo.arbex@gmail.com

## Referências

FREUD, S. (1916). *A transitoriedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 12).

\_\_\_\_\_. (1914). *Introdução ao narcisismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 12).

\_\_\_\_\_. (1931). *Sobre a sexualidade feminina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 18).

\_\_\_\_\_. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obras completas, 6).

LACAN, J. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 23: o sintoma (1975-1976)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MARINHO, L. Paternidade: o homem e suas angústias. *Pulsional - revista de psicanálise*, São Paulo, ano. 22, n. 4, p. 45-53, Dezembro/2009.

NOGUEIRA, J.; PINHEIRO, P. *Espelho (1977)*. Disponível em: <<https://www.letas.mus.br/joao-nogueira/97617>>. Acesso em: 10. mar. 2024.

STERN, D. *Diário de um bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

WINNICOTT, D. (1967). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: \_\_\_\_\_. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 153-162.

ZORNIG, S. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanal*. [online]. 2010, v. 42, n. 2, p. 453-470. Disponível em: <[https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-48382010000200010&script=sci\\_abstract](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-48382010000200010&script=sci_abstract)>. Acesso em: 10 mar. 2024.